

ANA HATHERLY

Entrevistada por Maria Augusta Silva

Nesta cidade-mundo, num mundo terrível, quem pode criar o verso de júbilo? Todos os mundos têm sido terríveis, mas só falo daquele que diretamente conheço. Há uma desesperança. Seria preciso devolver o culto do espiritual à sua pureza anterior. (...) Há uma coerência estética mas uma diferença enorme nos processos de elaboração: escrevo muito lentamente e desenho e pinto de forma rápida. Para escrever um poema levo anos.

Diz num poema: *A cada um só resta o seu próprio voo solitário.*

Será o melhor caminho para se meditar sobre os mistérios?

É preciso um afastamento, o que não significa desligarmo-nos das coisas fundamentais e da relação com os outros. Mas para se atingir uma maturação interior necessitamos de algum isolamento.

Se os anjos falassem nos jardins de Deus o que mais gostaria de lhes ouvir dizer a este mundo da globalização?

Que iriam, finalmente, cuidar de nós, porque não o têm feito.

Rilke sempre presente na sua obra. É o seu anjo-da-guarda?

Representa a imagem de Orfeu em queda livre; nas *Elegias* e nos *Sonetos* é um poeta ligado à tradição órfica. Tento fazer uma aproximação entre esse orfismo rilkeano e os anjos que rodeiam o pensamento de uma época.

Orfeu em queda livre é o salto para o abismo?

Mas não um suicídio. A queda livre é controlada.

Com a esperança de que o anjo fique suspenso?

Que o anjo nos suspenda! A imagem do paraquedas implícita na queda livre será a asa do anjo, do nosso anjo-da-guarda.

Rilke: uma paixão de juventude à qual se mantém fiel?

Julgo que sim. Rilke faz a transição do século XIX para XX e eu estou na de XX para XXI. Ambos vivendo fins de época e princípios de outra. A minha perspetiva, honestamente, nunca poderia ser a dele. Não faço *pastiche*. Retomo as questões principais que Rilke coloca e trato-as de acordo com o meu tempo.

Homenageia Rilke desconstruindo o pensamento da sua época?

Dá-se uma desconstrução correspondente ao pensamento do meu tempo, da minha formação e personalidade. Já estamos no pós-pós-moderno e pomos em questão a tradição histórica. Mas pôr em questão não é desvalorizar mas sim analisar e repensar.

Que a motiva a trazer Rilke de novo para a ribalta?

Uma maneira de questionar filosofias; os anjos são o grande emblema de uma cultura herdada que foi estruturante de muitas sociedades e continua a sê-lo.

E os abismos entre a realidade e os anjos?

Por isso me interrogo: nesta cidade-mundo, num mundo terrível, quem pode criar o verso de júbilo? Todos os mundos têm sido terríveis, mas só falo daquele que diretamente conheço. Há uma desesperança. Seria preciso devolver o culto do espiritual à sua pureza anterior.

Gosta da poesia confessional?

Durante muito tempo resisti ao que se chama poesia lírica entendida como expressão da subjetividade do EU. Não há, porém, arte, sobretudo arte poética, que não seja expressão dessa subjetividade, ou então não é arte. Mas deve-se refletir numa diferença: existem (desde sempre) versejadores e poetas. Eu sou contra a má poesia. Poderá haver quem diga isso da minha própria poesia, mas deverá demonstrá-lo.

Que fronteiras para os gostos?

Há banalidades e não digo que sejam insinceras, todavia, a sinceridade não é fundamental para a criação artística. A verdade do autor é a qualidade da sua obra.

Para Ana Hatherly, os anos 60 foram decisivos na concepção da sua arte poética?

Importantes para mim e para outros meus contemporâneos. Em todas as épocas houve quem subvertesse os cânones numa atitude saudável. Às vezes é necessário correr riscos e criar a rutura para se limparem as excrescências, porque tudo está sujeito a um processo de decadência. É como podar as árvores para se renovarem ou limpar um barco após uma longa viagem.

Enquanto estudiosa do barroco que diálogo estabelece com o tempo de hoje e o de há três ou quatro séculos?

Um diálogo que parte de muita investigação, análise e leitura crítica. Empenho-me nesse sentido. É a melhor forma de conhecer e devolver aos outros a importância da criatividade.

De poder também recriá-la?

Recriar e reinventar. Eu reinvento através de um processo de questionação sistemática que acaba por ser favorável ao elemento analisado e não destruidor desse elemento. O texto que ofereço é a minha própria meditação sobre o tema que escolhi e vou glosar a meu modo.

Há quem chame ao barroco período maldito...

A mim interessa-me estudar as diferentes concepções. E apreciar o que havia de positivo e de dinamizador nesse movimento europeu que em Portugal durou 150 anos. A arte barroca, sobretudo a poesia, é um manancial extraordinário. Não podemos é deixar-nos tyrannizar pelo que se deseja instituir como indestrutível.

As ruturas matam os mestres?

Devem ser mortos quando se tornam tirânicos ao pretenderem que só os seus padrões de saber e de poder são admissíveis.

Padre António Vieira, uma referência do período barroco, deveria ser morto?

É um mestre imortal da língua portuguesa. Toda a gente o diz.

O barroco inscreve-se sobremaneira no poder do Estado, da Igreja e da arte. Tirano?

Por isso o iluminismo acabou com o barroco.

Que tanto a fascina no barroco? Masoquismo?

Todo o artista é masoquista, de contrário não se submeteria ao sofrimento que é criar.

A dor da criatividade está igualmente presente nos seus desenhos e pintura?

Há uma coerência estética mas uma diferença enorme nos processos de elaboração: escrevo muito lentamente e desenho e pinto de forma rápida. Para escrever um poema levo anos.

Mais maturação para a poesia?

Muito maior. Por exemplo, escrevo *Tisanas* há 30 anos e só publico de dez em dez. Preciso desse tempo para que amadureçam.

Todos os chás-tisanas carecem de boa infusão...

Exatamente. E os bons vinhos...

O desenho permite-lhe um encontro antecipado?

Digamos que a maturação se dá previamente. Quando a mão executa, o que faz assim fica. Não tem emenda possível.

A poesia é mais o interdito?

Nela a palavra tem outra natureza. Embora desene com palavras..., não são as dos livros. São palavras visualmente representadas.

Inaugura-se hoje, no Centro de Arte moderna da Gulbenkian uma exposição de desenhos e pintura de sua autoria. Mantém-se fiel a um traço caligráfico?

Deliberadamente. A exposição tem o título «Hand Made» (feito à mão) para traduzir um processo em que cada peça é única, não se repete. Os trabalhos são quase todos a preto e branco.

Existem os anjos na vida de Ana Hatherly?

Estão com ponto de interrogação. Sou uma pessoa profundamente religiosa mas não é fácil filiar-me em estruturas. A religiosidade habita em todo o indivíduo que seja profundamente sincero naquilo em que acredita.

Os anjos acabam por ser as aladas serpentes que nos denunciam a imortalidade ou a finitude?

Depende do que o indivíduo conceber como eternidade. O conhecimento humano sabe da finitude. Os anjos só existem em função de uma esperança em algo que está para além de nós. Fiquemos com Orfeu em queda livre para que algum anjo ainda nos sustenha na nossa própria queda.

Continua a ser rebelde?

E não quero mudar.